

8) "Tu és pó ..."

"Deus disse: Façamos o homem à nossa imagem, à nossa semelhança" (Gn 1,26).

Vimos como, na Regra de São Bento, o sentido da dignidade do homem é inspirado por este mistério, e esse mistério se atua na busca e na imitação de Deus.

Mas não devemos esquecer a segunda narração da criação do homem, que conclui com a provação da liberdade e da queda. É nesta narração que o texto bíblico entra mais nos detalhes sobre aquilo que Deus fez criando o homem e a mulher:

"No tempo em que o Senhor Deus fez a terra e os céus, não existia ainda sobre a terra nenhum arbusto nos campos, e nenhuma erva havia ainda brotado nos campos, porque o Senhor Deus não tinha feito chover sobre a terra, nem havia homem que a cultivasse; mas subia da terra um vapor que regava toda a sua superfície. O Senhor Deus formou, pois, o homem do barro da terra, e inspirou-lhe nas narinas um sopro de vida e o homem se tornou um ser vivente. Ora, o Senhor Deus tinha plantado um jardim no Éden, do lado do oriente, e colocou nele o homem que havia criado. O Senhor Deus fez brotar da terra toda sorte de árvores, de aspecto agradável, e de frutos bons para comer; e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore da ciência do bem e do mal. (...) O Senhor Deus tomou o homem e colocou-o no jardim do Éden para cultivá-lo e guardá-lo" (Gn 2,5-9.15).

Nesta segunda narração, o homem vem do pó e toda a sua nobreza é o sopro divino que Deus soprou em suas narinas. Há nele a terra e o espírito, e o espírito lhe foi dado para permanecer em seu pó, na sua carne. O homem, portanto, é criado como integração da terra com o sopro da vida. A terra já tinha sido criada antes dele; o sopro vem diretamente de Deus. Também a terra, naturalmente, vem de Deus, da sua Palavra criadora, mas aqui não foi criada no momento: ela foi tomada e plasmada por Deus. Foi tomada como proveniente da criação. Pode-se dizer que esta é tomada como natureza para servir como um receptáculo do sopro da graça, daquilo que provém diretamente de Deus, pessoalmente de Deus.

Quando uma criança é concebida, a matéria física que formará seu embrião, seu corpo, já existe antes dele, é tomada do corpo da mãe e do pai. Depois, seu corpo cresce por 9 meses, graças a todas as substâncias que a terra lhe fornece através da mãe, mas o sopro de vida que faz dele um ser humano, que faz sim com que seu corpo seja um corpo humano, não foi tomado de uma criatura que existe antes da criança: lhe vem diretamente de Deus.

O homem é, portanto, uma terra espiritualizada. Não no sentido de que a terra se torna espírito, mas no sentido de que a terra recebe o espírito e vive graças ao espírito, graças ao sopro de vida. Deus precisa do corpo plasmado a partir da terra, para que o sopro da vida que Ele dá, não se perca no vazio. O corpo plasmado da terra, é necessário ao sopro de vida, para que o sopro da vida possa realmente vivificar, possa verdadeiramente ser o sopro que vivifica aquilo que, sem este, não é vivo.

Esta estrutura faz do homem uma criatura única no seu gênero, seja a respeito aos anjos, seja respeito aos animais. Somente o homem integra terra e espírito.

Ora, esta estrutura única, Deus não se limita a imprimir no homem enquanto tal; Ele quer que se reflita em todo o mundo humano, em toda a criação, da qual, o homem é o centro, a finalidade e o ápice. Deus quer que toda a realidade que acolhe o homem, se torne imagem do homem, da estrutura que Ele imprimiu no homem. No sentido de que o mundo se torne para o homem, aquilo que no homem o pó é para o espírito. O mundo criado, o mundo mineral, vegetal e animal, deve se tornar humano através do "sopro" que o homem deve neste introduzir. A natureza, através do homem, se torna cultura, como o pó, pelo sopro de vida, se torna homem.

Esta é a vocação que Deus dá imediatamente ao homem; de fato, o homem recebeu imediatamente o Jardim do Éden "para o cultivar e guardar" (Gn 2,15).

O que tudo isso significa para nós e como leva em conta a Regra de São Bento?

Em primeiro lugar, notamos o papel essencial da terra, do pó, na criação do homem. Não existe homem sem terra. Nem mesmo sem espírito, mas tenho a impressão que depois do pecado original, o homem esquece e censura mais facilmente o fato de ser terra, que aquele de ser espírito. Isto provavelmente deriva do fato de que o pecado original, e todo pecado, é, fundamentalmente, um pecado de orgulho.

Não é por acaso que, depois do pecado, Deus lembra à Adão que é pó: "com o suor do teu rosto, comerás o teu pão, até que voltes à terra de que foste tirado; porque és pó, e pó hás de tornar" (Gn 3,19).

Este retorno à terra não é apenas a consequência da morte, mas começa já durante a vida. Como? Através da humildade e do trabalho, portanto através de duas realidades, no fundo, positivas. É onde reencontramos São Bento. Através da humildade e do trabalho, o monge é conduzido a transformar a condenação da morte, em caminho da vida. É como se, através da humildade e do trabalho, o monge se recolocasse a disposição do Senhor, como uma argila, para que Ele renove nele o dom do Sopro de vida.

Procuremos ver mais de perto na Regra. A humildade na Regra é sempre um retorno à terra que somos. Isto não é somente expresso pela etimologia da palavra humildade que deriva de *humus*, mas é educada pelos gestos e pelas escolhas que nos fazem aderir à terra, para reencontrar a nossa verdadeira posição interior, a verdadeira consciência de nós mesmos.

Praticamente todas as passagens da Regra onde aparecem a palavra "*terra*", são passagens em que São Bento pede para abaixar humildemente os olhos, ou passos, onde pede de prostrar-se para retornar a ser humilde depois de um erro ou um pecado de orgulho. No Capítulo 7, no décimo segundo grau de humildade, diz o que monge deverá sempre e em todo lugar "constantemente com a cabeça inclinada e os olhos fixos no chão [*terra*] (...) dizendo-se a si mesmo, no coração, aquilo que aquele publicano do Evangelho disse, com os olhos pregados no chão: 'Senhor, não sou digno, eu pecador, de levantar os olhos aos céus'." (RB 7,63-65).

No capítulo 44, sobre a reparação que os monges excomungados devem fazer, escreve que o monge culpado "com o rosto em terra, estendido e inclinado aos pés de todos os que saem do oratório," e depois "em todas as Horas, ao terminar o Ofício Divino, prostre-se por terra, no lugar onde estiver" (44,2.7).

Contudo, esta prostração até a terra, não deve exprimir a humildade somente quando se é culpado. No capítulo sobre o acolhimento dos hóspedes lê-se: "Nessa mesma saudação mostre-se toda a humildade. Em todos os hóspedes que chegam e que saem, adore-se, com a cabeça inclinada ou com todo o corpo prostrado por terra, o Cristo que é recebido na pessoa deles" (53,6-7).

Enfim, no capítulo 71, este gesto de humildade é realizado quando um irmão "sentir o ânimo de qualquer superior seu irado ou alterado contra si, ainda que pouco"; então, "logo, sem demora, permaneça prostrado em terra, a seus pés, fazendo satisfação, até que pela bênção esteja sanada aquela comoção" (71,7-8).